



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Proposta de Lei n.º 160/XII

Exposição de Motivos

A presente proposta de lei pretende instituir, no domínio da justiça, uma entidade apta, a um tempo, a acompanhar, controlar e exercer a ação disciplinar sobre os auxiliares da justiça, em especial os agentes de execução e os administradores judiciais que, desde já, ficarão sujeitos à jurisdição desta entidade. A nova entidade que ora se cria, designada por Comissão para o Acompanhamento dos Auxiliares da Justiça, abreviadamente CAAJ, vem assim substituir quer a Comissão para a Eficácia das Execuções, prevista no Estatuto da Câmara dos Solicitadores, tal como resultante do Decreto-Lei n.º 226/2008, de 20 de novembro, quer a Comissão de Apreciação e Controlo da Atividade dos Administradores da Insolvência, prevista na Lei n.º 32/2004, de 22 de julho, dado que as atuais entidades responsáveis pela supervisão e controlo destes profissionais não têm sido capazes, por diversas ordens de razões, de dar uma resposta cabal às necessidades regulatórias dos aludidos profissionais.

Tal veio a ser, de resto, sinalizado pelas instituições europeias e internacionais com as quais Portugal ajustou o programa de assistência financeira atualmente em execução, como um domínio que reclamava uma intervenção legislativa, destinada, na sua essência, a reforçar o enquadramento legal e institucional da entidade responsável pela supervisão dos agentes de execução, com particular enfoque na estrutura de financiamento e autoridade dessa entidade, e em linha com as melhores práticas internacionais (pontos 7.3 do Memorando de entendimento sobre as condicionalidades de política económica (MoU) e 34. do Memorando de Políticas Económicas e Financeiras (MEFP), tal como resultantes da última atualização).



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

A presente proposta de lei procura, assim, dar resposta aos compromissos assumidos por Portugal especificamente nesta matéria.

Com efeito, no que se refere especificamente aos agentes de execução, pretende-se atribuir a esta entidade uma feição estatutária que lhe garanta uma verdadeira e inequívoca independência face à associação pública profissional representativa dos solicitadores e dos agentes de execução, bem como reforçar os poderes de supervisão, controlo e disciplina daqueles profissionais que, sendo agentes dotados de relevantes poderes públicos, devem ser fiscalizados pelo Estado, que neles delega o exercício de tais poderes.

Impõe-se referir que o modelo de supervisão dos agentes de execução por entidade externa, independente da entidade profissional representativa da classe, é o modelo propugnado nas recomendações emanadas pelo Conselho da Europa e pela Comissão Europeia para a Eficiência da Justiça (CEPEJ) neste domínio, pelo que o atual diploma se alinha neste particular com as melhores práticas internacionais vigentes nesta matéria. Isto, claro está, sem prejuízo dos mecanismos de controlo interno dos agentes de execução que a associação pública profissional representativa dos solicitadores e dos agentes de execução julgue adequados implementar em ordem a garantir o desempenho adequado das funções de agente de execução por profissionais idóneos, e assim, contribuir para a sua credibilização e promover a confiança dos cidadãos no sistema instituído.

No que respeita aos administradores judiciais, é público e notório que a comissão que, desde 2004, tem desempenhado a função de supervisionar e disciplinar os profissionais da referida classe não tem logrado os seus intentos, por não dispor de meios que lhe permitam um cabal desempenho da sua missão.

Ora, para ultrapassar este problema, impunha-se encontrar uma solução que possibilitasse reforçar os poderes de supervisão e controlo conferidos à entidade responsável pela supervisão e controlo dos administradores judiciais, reforçando-se os meios confiados à citada entidade para desempenhar a sua missão.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Neste contexto, foi entendido que haveria toda a vantagem em congregar numa única entidade a supervisão, a regulação e a disciplina destes profissionais, aproveitando-se as economias de escala que podem advir de se concentrar numa só entidade os meios e os poderes bastantes para o exercício de tais funções relativamente a muitos dos profissionais que atuam no quadro do funcionamento do sistema de justiça português como seus auxiliares.

A concreta estrutura conferida à CAAJ, que integra cinco órgãos com competências próprias e distintas entre si, visa garantir o exercício das diferentes valências atribuídas à Comissão, em particular a fiscalização e disciplina dos auxiliares da justiça, de uma forma autónoma e independente, por cada um dos órgãos competentes para o efeito.

Foi promovida a audição do Conselho Superior da Magistratura, do Conselho Superior do Ministério Público, do Conselho Superior dos Tribunais Administrativos e Fiscais, da Comissão de Apreciação e Controlo da Atividade dos Administradores da Insolvência, da Comissão para a Eficácia das Execuções, da Ordem dos Advogados, da Câmara dos Solicitadores, do Colégio de Especialidade de Agentes de Execução, da Associação Portuguesa dos Administradores Judiciais, da Associação Sindical dos Juizes Portugueses, do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, do Conselho dos Oficiais de Justiça, da Associação dos Oficiais de Justiça, do Sindicato dos Funcionários Judiciais e do Sindicato dos Oficiais de Justiça, da Associação Portuguesa de Direito do Consumo, da União de Associações do Comércio e Serviços, da Confederação do Comércio e Serviços de Portugal, da Confederação Empresarial de Portugal, da Confederação dos Agricultores Portugueses, da Confederação do Turismo de Portugal, da Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor, da União Geral de Consumidores, da União Geral de Trabalhadores, da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses e da Federação Nacional das Cooperativas de Consumidores.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Assim:

Nos termos da alínea d) do n.º 1 do artigo 197.º da Constituição, o Governo apresenta à Assembleia da República a seguinte proposta de lei:

Capítulo I

Disposições gerais

Artigo 1.º

Regime e órgãos

- 1 - É criada a Comissão para o Acompanhamento dos Auxiliares da Justiça, abreviadamente designada por CAAJ, a qual é responsável pelo acompanhamento, fiscalização e disciplina dos auxiliares da justiça, em conformidade com a presente lei e com os estatutos dos profissionais que prevejam a sua intervenção.
- 2 - Estão sujeitos ao acompanhamento, fiscalização e disciplina da CAAJ os auxiliares da justiça cujos estatutos prevejam a sua intervenção, nomeadamente, os agentes de execução e os administradores judiciais, bem como outros auxiliares da justiça nos termos que a lei determine.
- 3 - A CAAJ é uma entidade administrativa independente, sendo dotada de personalidade jurídica, autonomia administrativa e financeira e património próprio.
- 4 - São órgãos da CAAJ o órgão de gestão, o fiscal único, o conselho consultivo, a comissão de fiscalização dos auxiliares da justiça e a comissão de disciplina dos auxiliares da justiça.

Artigo 2.º

Sede e representação

- 1 - A CAAJ tem sede em Lisboa.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

2 - A CAAJ é representada pelo presidente do órgão de gestão ou, na sua falta ou impedimento, por um dos vogais do mesmo órgão, podendo a prática de atos determinados ser objeto de delegação de competência em representante ou representantes, designados de entre os colaboradores da CAAJ, pelo presidente ou pelos dois vogais do órgão de gestão.

Artigo 3.º

Atribuições

1 - São atribuições da CAAJ:

- a) Supervisionar, de forma contínua, a atividade dos auxiliares da justiça, designadamente, o registo e a forma de gestão dos valores que lhes são confiados por força das competências que o Estado lhes atribui;
- b) Prestar apoio técnico e consulta ao membro do Governo responsável pela área da justiça, a pedido deste ou por iniciativa própria, na definição das políticas relativas aos auxiliares da justiça;
- c) Regulamentar a sua atividade;
- d) Pronunciar-se sobre os atos normativos relacionados com a atividade dos auxiliares da justiça, em todos os aspetos que estejam no âmbito das suas atribuições;
- e) Apreciar quaisquer reclamações, queixas ou participações relativas à atividade dos auxiliares da justiça;
- f) Aplicar medidas cautelares aos auxiliares de justiça, exceto quando o exercício do poder disciplinar esteja concretamente cometido à associação pública profissional em que se integrem;



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

- g) Instruir os processos disciplinares e os processos de contraordenação relativos aos auxiliares da justiça, exceto quando o exercício do poder disciplinar esteja concretamente cometido à associação pública profissional em que se integrem;
- h) Aplicar sanções disciplinares e contraordenacionais aos auxiliares da justiça, exceto quando o exercício do poder disciplinar esteja concretamente cometido à associação pública profissional em que se integrem;
- i) Destituir os agentes de execução nos processos para os quais tenham sido designados;
- j) Regulamentar e gerir o fundo de garantia das execuções e outros fundos de garantia criados no âmbito da atividade dos auxiliares da justiça;
- k) Aprovar o plano anual de atividades, o respetivo orçamento, bem como o relatório anual de atividades, o balanço e a conta anual de gerência;
- l) Arrecadar as receitas e efetuar as despesas nos termos da lei;
- m) Emitir recomendações e pareceres genéricos sobre a atividade e formação dos auxiliares da justiça;
- n) Desempenhar as demais funções que lhe sejam atribuídas por lei.

2 - São atribuições da CAAJ relativamente aos auxiliares da justiça cuja atividade não esteja enquadrada por associação pública profissional:

- a) Regulamentar a atividade dos auxiliares da justiça;
- b) Gerir o acesso à atividade, designadamente no que concerne à definição dos processos de admissão de novos profissionais e à escolha e designação da entidade responsável pela elaboração, pela definição dos critérios de avaliação e pela avaliação dos estágios, quando exigidos pelos respetivos estatutos;



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

- c) Orientar e definir os termos em que decorre a formação inicial e contínua, emitindo a regulamentação adequada;
 - d) Elaborar e manter permanentemente atualizadas as listas previstas na lei ou em regulamento da CAAJ;
 - e) Verificar a existência de incompatibilidades, impedimentos ou suspeições, bem como a sua idoneidade, nos termos previstos na lei;
 - f) Aprovar códigos de conduta;
 - g) Organizar o processo de substituição em caso de suspensão, ou de encerramento da atividade, assegurando a transmissão eficaz e célere de valores e bens de que sejam depositários para os substitutos, salvo quando a lei disponha de modo diverso.
- 3 - Nos casos em que a atividade dos auxiliares da justiça esteja enquadrada por associação pública profissional, compete a esta exercer, nos termos dos respectivos estatutos, as competências previstas no número anterior.

Artigo 4.º

Cooperação

- 1 - No âmbito das suas atribuições a CAAJ deve cooperar:
- a) Com outras entidades nacionais;
 - b) Com entidades de outros Estados;
 - c) Com as organizações internacionais de que seja membro, ou com outras entidades relevantes para a área da justiça.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

- 2 - Quaisquer entidades públicas ou privadas devem colaborar prontamente com a CAAJ no que for necessário ao cabal desempenho das suas atribuições.
- 3 - No exercício da sua atividade de fiscalização presencial, a CAAJ pode solicitar das entidades policiais a colaboração que se mostrar necessária ao seu desempenho.

Artigo 5.º

Segredo

- 1 - Os membros dos órgãos da CAAJ, os seus colaboradores, mandatários, e outras pessoas que lhe prestem serviços a título permanente ou ocasional, não podem revelar ou utilizar fora do estrito exercício das suas funções informações sobre factos ou elementos respeitantes à atividade da CAAJ cujo conhecimento lhes advenha exclusivamente do exercício das suas funções.
- 2 - Os factos e elementos abrangidos pelo dever de segredo só podem ser revelados mediante autorização do interessado, ou nos termos previstos na lei penal e de processo penal.
- 3 - É lícita, designadamente para efeitos estatísticos, a divulgação de informação em forma sumária ou agregada e que não permita a identificação individualizada de pessoas ou instituições.
- 4 - O dever de segredo não cessa com o termo das funções ou serviços.

Artigo 6.º

Divulgação da atividade dos auxiliares da justiça

Na prossecução das suas atribuições, a CAAJ deve:

- a) Difundir e fomentar o conhecimento das normas legais e regulamentares aplicáveis aos auxiliares da justiça sujeitos ao seu acompanhamento, fiscalização e disciplina;
- b) Desenvolver, incentivar ou patrocinar, por si ou em colaboração com outras



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

entidades, a realização de estudos, inquéritos, publicações, ações de formação e outras iniciativas semelhantes com relevo para a área da justiça;

- c) Divulgar as boas práticas nacionais e internacionais respeitantes à atividade dos auxiliares da justiça;
- d) Facultar a informação estatística que lhe seja solicitada por entidades públicas integradas no Sistema Estatístico Nacional sobre o exercício da sua atividade, bem como dos auxiliares da justiça sujeitos ao seu acompanhamento, fiscalização e disciplina, nos termos definidos em protocolo a celebrar entre a CAAJ e as referidas entidades.

Artigo 7.º

Publicação de regulamentos

Sem prejuízo da sua divulgação por outros meios, os regulamentos aprovados pelo órgão de gestão da CAAJ devem ser publicados em Diário da República.

Artigo 8.º

Controlo jurisdicional e administrativo

- 1 - A atividade dos órgãos e colaboradores da CAAJ fica sujeita à jurisdição administrativa.
- 2 - Das sanções disciplinares e das contraordenações aplicadas pela CAAJ aos auxiliares da justiça cabe recurso para os tribunais administrativos competentes, a instaurar no prazo de 20 dias contados da data de notificação da decisão que as aplica.
- 3 - A CAAJ está sujeita a tutela inspectiva do membro do Governo responsável pela área da justiça, com faculdade de delegação nos órgãos inspectivos do Ministério da justiça.

Capítulo II



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Estrutura

Secção I

Órgão de gestão

Artigo 9.º

Composição, designação e duração do mandato

- 1 - O órgão de gestão é composto por um presidente e dois vogais designados por resolução do Conselho de Ministros, sob proposta do membro do Governo responsável pela área da justiça, por um período de cinco anos, renovável por uma vez e por igual período, de entre pessoas com reconhecida idoneidade, independência e competência na área das atribuições da CAAJ.
- 2 - A proposta referida no número anterior deve ser acompanhada de parecer da Comissão de Recrutamento e Seleção da Administração Pública relativo à adequação do perfil dos indivíduos às funções a desempenhar, incluindo o cumprimento das regras de incompatibilidade aplicáveis nos termos da presente lei.

Artigo 10.º

Competências

O órgão de gestão exerce as competências necessárias ao desenvolvimento das atribuições da CAAJ, cabendo-lhe, nomeadamente:

- a) Definir a política geral da CAAJ;
- b) Elaborar e aprovar o plano anual de atividades, o respetivo orçamento, bem como o relatório anual de atividades da CAAJ, balanço e a conta anual de gerência, submetendo os referidos documentos, até 31 de março do ano seguinte, à aprovação do membro do Governo responsável pela área da justiça e publicando-os no respetivo sítio da internet logo que aprovados;
- c) Elaborar e aprovar o regulamento interno da CAAJ;



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

- d) Definir os deveres de reporte de informação a que estão sujeitos os auxiliares da justiça perante a CAAJ;
- e) Velar pelo cumprimento dos planos de atuação apresentados pela comissão de fiscalização e pela comissão de disciplina;
- f) Organizar os serviços e gerir os recursos humanos da CAAJ;
- g) Gerir o património da CAAJ;
- h) Contratar a prestação de quaisquer serviços e autorizar a realização de despesas;
- i) Arrecadar as receitas;
- j) Aprovar os regulamentos cuja competência a lei atribua à CAAJ, incluindo a definição de taxas, salvo quando a lei atribua essa competência ao membro do Governo responsável pela área da justiça;
- k) Emitir recomendações e pareceres genéricos sobre a atividade e formação dos auxiliares da justiça, bem como pareceres sobre honorários e despesas dos auxiliares da justiça, sujeitos ao seu acompanhamento, fiscalização e disciplina;
- l) Verificar a existência de incompatibilidades, impedimentos ou suspeições, dos auxiliares da justiça sujeitos ao seu acompanhamento, fiscalização e disciplina, bem como a idoneidade destes;
- m) Deliberar sobre quaisquer outras matérias que sejam atribuídas por lei à CAAJ;
- n) Divulgar indicadores de desempenho dos auxiliares da justiça sujeitos ao seu acompanhamento, fiscalização e disciplina;
- o) Comunicar às associações públicas em que os auxiliares da justiça se encontrem integrados, as decisões disciplinares transitadas em julgado, bem como as de natureza cautelar, para que se proceda ao seu registo e divulgação;
- p) Exercer as demais competências que não estejam atribuídas a outros órgãos da CAAJ.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Artigo 11.º

Competências do presidente

1 - Compete ao presidente:

- a) Representar a CAAJ em atos de qualquer natureza;
- b) Convocar o órgão de gestão e presidir às suas reuniões, tendo voto de qualidade, em caso de empate;
- c) Convocar o conselho consultivo e presidir às suas reuniões;
- d) Dirigir superiormente todas as atividades e serviços da CAAJ e assegurar o seu adequado funcionamento;
- e) Tomar as resoluções e praticar os atos que, dependendo de deliberação do órgão de gestão, não possam, pela sua natureza e urgência, aguardar a reunião desse órgão.

2 - As resoluções e os atos referidos na alínea e) do número anterior devem ser submetidos a ratificação do órgão de gestão na reunião seguinte.

3 - As competências referidas nas alíneas a) a c) do n.º 1 podem ser delegadas num dos vogais do órgão de gestão.

Artigo 12.º

Delegação de competência

O órgão de gestão pode delegar, num ou mais dos seus membros ou nos diretores das comissões da CAAJ, a prática de atos constantes das alíneas d) a i) do artigo 10.º, nos termos do regulamento interno da CAAJ.

Artigo 13.º

Reuniões e deliberações



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

- 1 - O órgão de gestão reúne, ordinariamente, com a periodicidade que no seu regulamento interno se fixar e, extraordinariamente, sempre que o seu presidente o convoque, por sua iniciativa ou a pedido dos dois vogais do órgão de gestão.
- 2 - O órgão de gestão delibera validamente com a presença da maioria dos seus membros.
- 3 - As deliberações são tomadas por maioria dos votos dos membros presentes, incluindo obrigatoriamente o voto do presidente quando tenham por objeto:
 - a) A aprovação de regulamentos, de recomendações ou de pareceres genéricos da CAAJ;
 - b) A aprovação de projetos de atos normativos a apresentar ao membro do Governo responsável pela área da justiça;
 - c) A aprovação do orçamento e do plano de atividades e demais documentos anuais de prestação de contas.
- 4 - Participam nas reuniões do órgão de gestão, sem direito de voto, um representante designado pela associação pública profissional ou colégio profissional respetivo, e um representante designado pela associação mais representativa de cada classe de auxiliares da justiça não representados por associação pública profissional, não tendo os respetivos representantes direito a pronunciarem-se nas deliberações relativas a assuntos de exclusivo interesse de outros auxiliares da justiça.
- 5 - Os responsáveis pelas comissões de fiscalização e de disciplina participam nas reuniões do órgão de gestão, sem direito de voto, sempre que estejam em discussão matérias relacionadas com o exercício das suas competências e sempre que o presidente os convoque.
- 6 - O presidente do órgão de gestão pode convocar para participar nas reuniões do órgão de gestão, sem direito de voto, outras entidades ou responsáveis que entenda necessário



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

auscultar sobre qualquer matéria a apreciar pelo órgão de gestão.

- 7 - Das reuniões do órgão de gestão são lavradas atas, as quais são assinadas pelos membros presentes.
- 8 - As entidades referidas no n.º 4 podem designar substituto, devendo fazê-lo até ao início de cada reunião em que o mesmo participe.
- 9 - Os representantes das entidades referidas no n.º 4 não são remunerados pela CAAJ, podendo as entidades representadas atribuir aos seus representantes uma remuneração pela participação nestas reuniões, sendo o seu pagamento da responsabilidade das mencionadas entidades.

Artigo 14.º

Competências dos vogais do órgão de gestão

Compete aos vogais do órgão de gestão coadjuvar o presidente no desempenho das respetivas funções, substituí-lo nas ausências ou nos impedimentos e exercer as demais funções que lhes sejam delegadas nos termos dos artigos 11.º e 12.º.

Artigo 15.º

Estatuto remuneratório dos membros do órgão de gestão

Para efeitos remuneratórios, o presidente e os vogais do órgão de gestão são equiparados a titulares de cargos de direção superior de 1.º e 2.º grau da administração pública, respetivamente.

Artigo 16.º

Organização dos serviços



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

- 1 - O órgão de gestão, através de regulamento interno, define as funções, competências e organização dos serviços que integram a CAAJ, as normas gerais a observar no desenvolvimento das atividades a seu cargo e tudo o mais que se torne necessário para o adequado funcionamento da CAAJ.
- 2 - O regulamento interno referido no número anterior está sujeito a homologação do membro do Governo responsável pela área da justiça.

Artigo 17.º

Cessação de funções

- 1 - Os membros do órgão de gestão cessam o exercício das suas funções:
 - a) Pelo decurso do prazo por que foram designados;
 - b) Por incapacidade permanente ou por incompatibilidade superveniente do titular;
 - c) Por renúncia;
 - d) Por demissão, deliberada pelo Conselho de Ministros em caso de falta grave cometida pelo titular no desempenho das suas funções ou no cumprimento de qualquer obrigação inerente ao cargo.
- 2 - O termo do mandato de cada um dos membros do órgão de gestão é independente do termo do mandato dos restantes membros.
- 3 - Os membros que cessem funções nos termos das alíneas a) e c) do n.º 1 devem assegurar a gestão corrente da CAAJ até que sejam designados membros que os substituam.

Secção II

Fiscal único



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Artigo 18.º

Designação, duração do mandato e estatuto remuneratório

- 1 - O fiscal único é um revisor oficial de contas designado pelo Conselho de Ministros, de entre pessoas com reconhecida idoneidade, independência e experiência em matéria de fiscalização de entidades públicas.
- 2 - O fiscal único é designado pelo período não renovável de três anos e deve exercer as suas funções com total independência face aos restantes órgãos da CAAJ.
- 3 - A remuneração do fiscal único, fixada no ato de designação, tem como limite máximo o valor de $\frac{1}{2}$ do vencimento mensal previsto para um titular de cargo de direção superior de 1.º grau da administração pública, pago 12 vezes por ano.

Artigo 19.º

Competência

1 - Compete ao fiscal único:

- a) Acompanhar e controlar a gestão financeira da CAAJ;
- b) Apreciar e emitir parecer sobre o plano anual de atividades, o respetivo orçamento, bem como o relatório anual de atividades, o balanço e a conta anual de gerência da CAAJ;
- c) Fiscalizar a organização da contabilidade da CAAJ e o cumprimento das disposições legais e dos regulamentos internos aplicáveis nos domínios orçamental, contabilístico e de tesouraria, informando o órgão de gestão de quaisquer desvios ou anomalias que verifique;
- d) Pronunciar-se sobre qualquer assunto da sua competência que lhe seja submetido pelo órgão de gestão.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

2 - O fiscal único pode:

- a) Solicitar aos demais órgãos e serviços da CAAJ as informações, os esclarecimentos ou os elementos necessários ao bom desempenho das suas funções;
- b) Promover a realização de reuniões com o órgão de gestão para análise de questões compreendidas no âmbito das suas competências, sempre que a sua natureza ou importância o justifique.

Artigo 20.º

Cessação de funções

O fiscal único cessa o exercício das suas funções:

- a) Pelo decurso do prazo por que foi designado;
- b) Por incapacidade permanente ou por incompatibilidade superveniente;
- c) Por renúncia;
- d) Por demissão, deliberada pelo Conselho de Ministros em caso de falta grave cometida pelo fiscal único no desempenho das suas funções ou no cumprimento de qualquer obrigação inerente ao cargo.

Secção III

Conselho consultivo

Artigo 21.º

Composição e duração do mandato

1 - Integram o conselho consultivo da CAAJ:

- a) O presidente do órgão de gestão, que preside;
- b) Um vogal designado pelo Conselho Superior da Magistratura;



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

- c) Um vogal designado pelo Conselho Superior do Ministério Público;
- d) Um vogal designado pelo membro do Governo responsável pela área da justiça;
- e) Um vogal designado pelo membro do Governo responsável pela área das finanças;
- f) Um vogal designado pelo membro do Governo responsável pela área da segurança social;
- g) Um vogal designado pelo membro do Governo responsável pela área da economia;
- h) Um vogal designado pelo bastonário da Ordem dos Solicitadores e dos Agentes de Execução;
- i) Um vogal designado pelo bastonário da Ordem dos Advogados;
- j) Um vogal designado pelo colégio profissional dos agentes de execução;
- k) Um vogal designado pelas associações representativas dos consumidores;
- l) Um vogal designado pelas associações representativas dos utentes de serviços de justiça;
- m) Dois vogais designados pelas confederações com assento na Comissão Permanente de Concertação Social do Conselho Económico e Social, representando um os empregadores e outro os trabalhadores;
- n) Um vogal designado por outras associações públicas profissionais ou, caso existam, pelos respetivos colégios profissionais que representem auxiliares da justiça sujeitos ao acompanhamento, fiscalização e disciplina da CAAJ, ou, na sua falta, pela associação mais representativa daqueles auxiliares da justiça.

2 - Os representantes referidos no número anterior são designados por um período de três anos, podendo ser designados suplentes e serem substituídos por iniciativa das entidades que os designaram.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

- 3 - Os representantes não podem ser designados para mais de dois períodos sucessivos de três anos.
- 4 - O conselho consultivo, mediante proposta do seu presidente, pode deliberar a integração de novas entidades representadas nesse conselho.

Artigo 22.º

Competência

O conselho consultivo é um órgão de consulta e assessoria do órgão de gestão nas matérias abrangidas pelas atribuições da CAAJ, competindo-lhe, nomeadamente:

- a) Pronunciar-se sobre os assuntos que lhe sejam submetidos pelo órgão de gestão;
- b) Apresentar, por sua iniciativa, ao órgão de gestão, recomendações e sugestões no âmbito das atribuições da CAAJ.

Artigo 23.º

Reuniões e deliberações

- 1 - O conselho consultivo reúne quando for convocado pelo seu presidente, por sua iniciativa ou a pedido de, pelo menos, três membros do conselho consultivo.
- 2 - O conselho consultivo delibera por maioria simples dos votos dos membros presentes, exigindo-se a presença de pelo menos metade dos membros que o constituem.
- 3 - De cada reunião do conselho consultivo será lavrada ata assinada pelo presidente e pelo secretário, que é designado pelo órgão de gestão.

Artigo 24.º

Remuneração



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Os membros do conselho consultivo não são remunerados.

Secção IV

Comissão de fiscalização dos auxiliares da justiça

Artigo 25.º

Composição

- 1 - A comissão de fiscalização é dirigida por um diretor, o qual, para efeitos remuneratórios, é equiparado a titular de cargo de direção intermédia de 1.º grau da administração pública.
- 2 - O diretor da comissão de fiscalização é designado por um período, renovável, de cinco anos.
- 3 - O diretor não pode exercer ou ter exercido, nos últimos cinco anos, funções de auxiliar da justiça sujeito ao acompanhamento, fiscalização e disciplina da CAAJ.
- 4 - O diretor da comissão de fiscalização cessa o exercício das suas funções:
 - a) Pelo decurso do prazo por que foi designado;
 - b) Por incapacidade permanente ou por incompatibilidade superveniente;
 - c) Por renúncia;
 - d) Por demissão, deliberada pelo órgão de gestão, em caso de violação dos deveres inerentes ao exercício das suas funções.
- 5 - A comissão de fiscalização é integrada ainda por fiscalizadores, em número a definir pelo órgão de gestão, nos termos do regulamento interno previsto no artigo 16.º.
- 6 - Os membros da comissão de fiscalização são seleccionados pelo órgão de gestão, nos termos do regulamento interno previsto no artigo 16.º, de entre pessoas com reconhecida idoneidade, independência e experiência em matéria de fiscalização de



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

entidades públicas, devendo exercer as suas funções com total independência face aos restantes órgãos da CAAJ.

7 - A CAAJ define e publicita os requisitos de seleção dos membros da comissão de fiscalização.

Artigo 26.º

Competência

1 - Incumbe à comissão de fiscalização promover a fiscalização da atividade dos auxiliares da justiça, bem como do cumprimento por parte destes das regras legais, regulamentares, deontológicas e éticas a que estão sujeitos, sendo a sua organização e funcionamento regulados pelo regulamento interno previsto no artigo 16º.

2 - Compete, nomeadamente, à comissão referida no número anterior:

- a) Propor, anualmente, ao órgão de gestão um plano de atuação relativo à fiscalização dos auxiliares da justiça sujeitos ao acompanhamento, fiscalização e disciplina da CAAJ e, após aprovação do mesmo por este órgão, promover a sua execução;
- b) Propor ao órgão de gestão a definição dos deveres de reporte de informação dos auxiliares da justiça sujeitos ao acompanhamento, fiscalização e disciplina da CAAJ, bem como os critérios a observar na sua fiscalização;
- c) Planear e realizar ações de fiscalização, presenciais ou à distância, da atividade dos auxiliares da justiça sujeitos ao acompanhamento, fiscalização e disciplina da CAAJ;
- d) Planear e realizar auditorias financeiras da atividade dos auxiliares da justiça sujeitos ao acompanhamento, fiscalização e disciplina da CAAJ;
- e) Elaborar relatórios sobre as ações de fiscalização e auditorias realizadas;



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

- f) Informar a comissão de disciplina sobre a eventual existência de indícios de infrações disciplinares ou contraordenacionais detetadas no exercício das suas competências;
- g) Reportar à comissão de disciplina a eventual necessidade de aplicação de medidas cautelares;
- h) Promover ações de informação sobre boas práticas a adotar pelos auxiliares da justiça sujeitos ao acompanhamento, fiscalização e disciplina da CAAJ;
- i) Prestar toda a colaboração e informação solicitada pelo órgão de gestão e demais órgãos e serviços da CAAJ sobre o exercício das suas competências;
- j) Pronunciar-se sobre qualquer assunto da sua competência que lhe seja submetido pelo órgão de gestão.

3 - A comissão de fiscalização exerce as suas competências de forma independente.

Secção V

Comissão de disciplina dos auxiliares da justiça

Artigo 27.º

Composição e funcionamento

- 1 - A comissão de disciplina é dirigida por um diretor, o qual, para efeitos remuneratórios, é equiparado a titular de cargo de direção intermédia de 1.º grau da administração pública.
- 2 - O diretor da comissão de disciplina é designado por um período, renovável, de cinco anos.

3 - O diretor da comissão de disciplina não pode exercer ou ter exercido, nos últimos cinco



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

anos, funções de auxiliar da justiça sujeito ao acompanhamento, fiscalização e disciplina da CAAJ.

- 4 - O diretor da comissão de disciplina cessa o exercício das suas funções:
 - a) Pelo decurso do prazo por que foi designado;
 - b) Por incapacidade permanente ou por incompatibilidade superveniente;
 - c) Por renúncia;
 - d) Por demissão, deliberada pelo órgão de gestão, em caso de violação dos deveres inerentes ao exercício das suas funções.
- 5 - A organização e funcionamento da comissão de disciplina assegura a constituição de equipas, em número a definir pelo órgão de gestão, nos termos do regulamento interno previsto no artigo 16.º, integradas por três colaboradores, devendo um deles dispor de experiência profissional como auxiliar da justiça, na área da pessoa visada no processo.
- 6 - Os membros da comissão de disciplina são selecionados pelo órgão de gestão, nos termos do regulamento interno previsto no artigo 16.º, de entre pessoas com reconhecida idoneidade, independência e experiência em matéria disciplinar ou contraordenacional, devendo exercer as suas funções com total independência face aos restantes órgãos da CAAJ.
- 7 - A CAAJ define e publicita os requisitos de seleção a observar pelos membros da comissão de disciplina.

Artigo 28.º

Competência

- 1 - Incumbe à comissão de disciplina instruir os processos disciplinares e



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

contraordenacionais respetivos e aplicar as respetivas sanções disciplinares e contraordenacionais, sendo a sua organização e funcionamento regulados pelo regulamento interno previsto no artigo 16.º.

2 - Compete, nomeadamente, à comissão referida no número anterior:

- a. Propor, anualmente, ao órgão de gestão, o plano de atividades respetivo, e, após aprovação do mesmo pelo órgão de gestão, promover a sua execução;
- b) Apreciar quaisquer reclamações, queixas ou participações relativas à atividade dos auxiliares da justiça sujeitos ao acompanhamento, fiscalização e disciplina da CAAJ;
- c) Instaurar e instruir processos disciplinares e contraordenacionais relativos aos auxiliares da justiça sujeitos ao acompanhamento, fiscalização e disciplina da CAAJ;
- d) Aplicar sanções disciplinares, coimas e sanções acessórias em processo disciplinar ou de contraordenação aos auxiliares da justiça sujeitos ao acompanhamento, fiscalização e disciplina da CAAJ;
- e) Aplicar medidas cautelares em processo disciplinar ou de contraordenação aos auxiliares da justiça sujeitos ao acompanhamento, fiscalização e disciplina da CAAJ;
- f) Destituir os agentes de execução nos processos para os quais tenham sido designados;
- g) Prestar toda a colaboração e informação solicitada pelo órgão de gestão e demais órgãos e serviços da CAAJ sobre o exercício das suas competências;
- h) Pronunciar-se sobre qualquer assunto da sua competência que lhe seja submetido pelo órgão de gestão.

3 - A comissão de disciplina exerce as suas competências de forma independente.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

- 4 - Compete às equipas referidas no n.º 5 do artigo anterior instruir os processos disciplinares ou contraordenacionais dos auxiliares da justiça e propor as respetivas sanções disciplinares, coimas ou sanções acessórias, propor a destituição dos agentes de execução nos processos para os quais tenham sido designados, bem como propor a aplicação de medidas cautelares que se mostrem necessárias ao bom funcionamento da atividade dos auxiliares da justiça sujeitos ao acompanhamento, fiscalização e disciplina da CAAJ.
- 5 - Compete, em especial, ao diretor da comissão de disciplina, sob proposta das equipas referidas no número anterior:
- Aplicar sanções disciplinares e contraordenacionais aos auxiliares da justiça;
 - Aplicar medidas cautelares;
 - Destituir os agentes de execução nos processos para os quais tenham sido designados.

Capítulo III

Regime financeiro

Artigo 29.º

Receitas

- 1 - Constituem receitas da CAAJ, para além de outras que a lei preveja:
- As quantias provenientes de inscrições dos auxiliares da justiça ou serviços prestados pela CAAJ;
 - O produto da taxa de acompanhamento, fiscalização e disciplina da atividade dos auxiliares da justiça aos mesmos sujeitos;
 - O produto das coimas e multas aplicadas pela CAAJ que à mesma seja devido;



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

- d) As receitas provenientes de publicações efetuadas pela CAAJ;
 - e) O produto da alienação ou da cedência, a qualquer título, de direitos integrantes do seu património;
 - f) As receitas decorrentes de aplicações financeiras dos seus recursos;
 - g) As participações, os subsídios e os donativos;
 - h) As transferências efetuadas pela entidade responsável pela gestão financeira do ministério da justiça, definidas no orçamento da respetiva entidade;
 - i) As transferências provenientes de outras entidades, personalizadas ou não, que a lei determine.
- 2 - Os saldos de gerência de cada exercício transitam para o ano seguinte, com exceção das verbas provenientes de dotações transferidas do Orçamento do Estado, às quais é aplicável o regime orçamental e financeiro dos serviços e fundos autónomos que regulam esta matéria.
- 3 - É vedado à CAAJ contrair empréstimos sob qualquer forma ou investir em produtos ou instrumentos financeiros em que o capital investido não seja totalmente garantido.
- 4 - É também vedado à CAAJ receber donativos, gratificações ou outras quantias de idêntica natureza, direta ou indiretamente, dos auxiliares da justiça sujeitos ao seu acompanhamento, fiscalização e disciplina.
- 5 - A CAAJ, nos documentos que se encontra obrigada a elaborar, aprovar e publicar anualmente, nos termos do artigo 10.º, deve fazer constar, de forma discriminada, os vários tipos de receita, montante e proveniência.

Artigo 30.º

Taxa de acompanhamento, fiscalização e disciplina



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

É devido à CAAJ pelos auxiliares da justiça que se encontram sujeitos ao seu acompanhamento, fiscalização e disciplina, o pagamento de uma taxa pelo exercício das funções da CAAJ, cujo valor e forma de cobrança são definidos por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da justiça.

Artigo 31.º

Cobrança coerciva de taxas

- 1 - À cobrança coerciva de taxas ou outras quantias devidas à CAAJ aplica-se o processo de cobrança coerciva dos créditos do Estado.
- 2 - Para os efeitos do número anterior, é título executivo bastante a certidão de dívida passada pela CAAJ de acordo com o disposto no artigo 162.º do Código de Procedimento e Processo Tributário.

Capítulo IV

Recursos humanos

Artigo 32.º

Dirigentes

- 1 - Aos membros do órgão de gestão, e aos diretores aplica-se, com as necessárias adaptações, o regime previsto no estatuto do pessoal dirigente dos serviços e organismos da Administração Pública, designadamente, a manutenção do direito ao lugar de origem e ao regime de segurança social por que se encontrarem abrangidos, não podendo ser prejudicados na sua carreira profissional por causa do exercício daquelas funções, relevando para todos os efeitos no lugar de origem o tempo de serviço prestado naquele cargo.
- 2 - Os membros do órgão de gestão e os diretores previstos na presente lei exercem funções em regime de exclusividade, implicando a suspensão do exercício de quaisquer



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

outras atividades ou funções de natureza profissional, públicas ou privadas, exercidas com caráter regular ou não, e independentemente da respetiva remuneração, sem prejuízo do disposto nos artigos 27.º a 29.º da Lei n.º 12-A/2008, de 27 de fevereiro.

- 3 - Para efeitos do disposto no número anterior, a entidade competente para autorizar a acumulação de funções é o membro do Governo responsável pela área da justiça.

Artigo 33.º

Regime do pessoal

- 1 - Ao pessoal da CAAJ aplica-se o regime jurídico do contrato de trabalho, sem prejuízo do disposto no número seguinte.
- 2 - A CAAJ pode recorrer, nos termos da lei, a trabalhadores com relação jurídica de emprego público e outros, para garantir a prossecução das suas atribuições.
- 3 - Os trabalhadores da CAAJ são abrangidos pelo regime geral de segurança social, sem prejuízo da manutenção de outro que os abranja.
- 4 - Do pessoal da CAAJ não podem fazer parte auxiliares da justiça sujeitos ao seu acompanhamento, fiscalização e disciplina que se encontrem em exercício de funções.

Artigo 34.º

Estatuto do pessoal

- 1 - O órgão de gestão aprova o regulamento interno laboral bem como o respetivo estatuto remuneratório do quadro de pessoal da CAAJ, o qual não pode fixar montantes superiores aos previstos para aos cargos de direção intermédia de 1.º grau da Administração Pública.
- 2 - O regulamento interno laboral e o estatuto remuneratório referidos no número anterior



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

carecem de aprovação prévia, no prazo de 60 dias após a sua recepção, por parte dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da justiça.

- 3 - Decorrido o prazo previsto no número anterior, sem que sobre ele seja proferida decisão expressa, consideram-se os respetivos documentos tacitamente aprovados.

Capítulo VI

Disposições finais e transitórias

Artigo 35.º

Imperatividade

- 1 - O disposto na presente lei relativamente à disciplina dos auxiliares da justiça prevalece sobre quaisquer outras disposições legais que disponham de modo diverso, designadamente, as que regulam as associações públicas profissionais.
- 2 - À regulação, supervisão e poder disciplinar previstos no presente diploma não é aplicável o regime das entidades administrativas independentes de regulação económica.

Artigo 36.º

Regime transitório

- 1 - A CAAJ sucede nas competências da Comissão para a Eficácia das Execuções, da Câmara dos Solicitadores e da Comissão de Avaliação e Controlo da Atividade dos Administradores da Insolvência previstas, respetivamente, no Decreto-Lei n.º 88/2003, de 26 de abril, alterado pelas Leis n.ºs 49/2004, de 24 de agosto, e 14/2006, de 26 de abril, e pelo Decreto-Lei n.º 226/2008, de 20 de novembro, e na Lei n.º 32/2004, de 22 de julho, alterada pela Lei n.º 34/2009, de 14 de julho, pelo Decreto-Lei n.º 282/2007, de 7 de agosto, e pela Lei n.º 22/2013, de 26 de fevereiro.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

- 2 - Transitam para a CAAJ os colaboradores que se encontrem em funções na Comissão para a Eficácia das Execuções e na Comissão de Apreciação e Controlo da Atividade dos Administradores da Insolvência, sem acréscimo das remunerações aí auferidas.
- 3 - É extinta a Comissão para a Eficácia das Execuções, permanecendo esta em funções até à data de tomada de posse dos membros do órgão de gestão da CAAJ.
- 4 - Até à tomada de posse dos membros do órgão de gestão da CAAJ, a Comissão para a Eficácia das Execuções assegura a marcha dos processos instaurados ou a instaurar contra os agentes de execução, podendo praticar os atos de gestão corrente que se mostrem necessários.
- 5 - Os membros da Comissão para a Eficácia das Execuções devem prestar toda a colaboração aos órgãos da CAAJ.
- 6 - O organismo responsável pela gestão financeira e patrimonial do Ministério da Justiça assegura a transferência das verbas necessárias ao pagamento das remunerações devidas aos colaboradores da CAAJ provenientes da Comissão de Apreciação e Controlo da Atividade dos Administradores da Insolvência até ao termo do ano de 2013.
- 7 - Todos os processos de natureza disciplinar ou contraordenacional instaurados contra os auxiliares da justiça que sejam agentes de execução ou administradores judiciais que se encontrem pendentes à data de entrada em vigor da presente lei passam a ser tramitados pela CAAJ, a quem compete dar continuidade aos mesmos, independentemente do momento em que os mesmos tenham sido instaurados e do regime legal que lhes seja aplicável.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

- 8 - Para efeitos de aplicação do disposto no número anterior, as entidades com competência disciplinar ou contraordenacional sobre os agentes de execução e sobre os administradores judiciais devem prestar toda a colaboração necessária à CAAJ, designadamente no que respeita à transferência dos processos disciplinares ou contraordenacionais em causa.
- 9 - A CAAJ é ainda competente para a instaurar e instruir processos disciplinares e contraordenacionais aos auxiliares da justiça sujeitos ao seu acompanhamento, fiscalização e disciplina, bem como aplicar as respetivas sanções disciplinares, coimas e sanções acessórias, por factos praticados por ação ou omissão, ainda que anteriores à data de entrada em vigor da presente lei.
- 10 - Transitam para a CAAJ:
- a) Os saldos do orçamento da Comissão para a Eficácia das Execuções previstos no orçamento da Câmara dos Solicitadores para o ano de 2013;
 - b) Os saldos do Fundo de Garantia dos Agentes de Execução;
 - c) Ouvida a associação pública profissional representativa dos agentes de execução, os montantes da caixa de compensações dos agentes de execução, prevista no respetivo estatuto, em termos a definir por despacho do membro responsável pela área da justiça.
- 11 - A CAAJ afeta a verba necessária para operacionalizar o procedimento de recrutamento de administradores judiciais logo que inicie a sua atividade.

Artigo 37.º

Norma revogatória

- 1 - É revogado o Decreto-Lei n.º 165/2009, de 22 de julho.
- 2 - O disposto no número anterior produz efeitos na data de tomada de posse dos membros do grupo de gestão da CAAJ.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Artigo 38.º

Entrada em vigor

A presente lei entra em vigor 30 dias após a data da sua publicação.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 27 de junho de 2013

O Primeiro-Ministro

O Ministro da Presidência e dos Assuntos Parlamentares